

A ECOLINGUÍSTICA E O ESPAÇO URBANO: UMA ANÁLISE DE FACHADAS COMERCIAIS DA CIDADE DE GOIÂNIA, GOIÁS

ECOLINGUISTICS AND THE URBAN SPACE: AN ANALYSIS OF SHOP SIGNS IN GOIÂNIA

Natália de Paula Reis*, Elza Kioko Nakayma Nenoki do Couto**

*Não somente vivemos “nela”, mas também somos
vividos “pela” cidade. A cidade está em nós.*
M. Canevacci (2004, p. 147)

RESUMO

Este artigo tem o objetivo de analisar paisagens linguísticas da cidade de Goiânia - Goiás, dando ênfase aos recursos semióticos de fachadas comerciais desse espaço urbano. Para tanto, os estudos de Gorter (2006), Gorter e Shohamy (2009) e Blommaert (2013) sobre as noções de paisagem linguística, e a perspectiva Ecolinguística de H. H. do Couto (2011, 2017), Couto e Busnardo Filho (2017) embasam essa pesquisa. O *corpus* se constitui de registros fotográficos de fachadas comerciais localizadas em duas diferentes regiões da cidade de Goiânia, uma mais central e outra mais periférica. Observando as fotografias, percebemos a materialização de superdiversificados repertórios comunicativos, ou seja, uma paisagem linguística plural constituída por recursos diversos. Notamos ainda que fachadas localizadas em bairros mais centrais tendem a ser mais globais e impessoais, enquanto as situadas em bairros periféricos tendem a ser mais locais e pessoais. Longe de ser ambientes monolíngues como defendem os estudos ecolinguísticos, as fachadas refletem uma enorme diversidade linguístico-cultural que geralmente caracteriza os espaços urbanos.

Palavras-chave: Ecolinguística. Fachadas comerciais. Espaço urbano.

* Mestranda no Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)

** Professora adjunto da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás. Doutora em Língua Portuguesa na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 2

ABSTRACT

This article aims to analyze linguistic landscapes of the Goiânia-Goiás, emphasizing the semiotic features of commercial forefronts this urban space. Therefore, we based in Gorter (2016), Gorter and Shohamy (2009) and Blommaert (2013) studies, about the notions of linguistic landscape, and in the Ecolinguistic perspective of H. H. Couto (2011, 2017), Couto and Busnardo Filho (2017). The corpus consists of photographic records of commercial forefronts located in two different regions of the Goiânia's city, one more central and one more peripheral. Observing the photographs, we perceive the materialization of superdiversified communicative repertoires, a plural linguistic landscape constituted by diverse resources. We also note that forefronts are located in more central neighborhoods tend to be more global and impersonal, while those located in peripheral neighborhoods tend to be more local and personal. Far from being monolingual environments as defend the ecolinguistics studies, the commercial forefronts reflects a big linguistic-cultural diversity that often characterizes urban spaces.

Keywords: *Ecolinguistic. Commercial forefronts. Urban space.*

1 INTRODUÇÃO

Ao transitarmos pelo espaço urbano da cidade de Goiânia, deparamo-nos com uma paisagem linguística heterogênea constituída por recursos semióticos diversos. Tendo em vista a pluralidade sociocultural que constitui esse espaço, este trabalho objetiva analisar essa paisagem, considerando fachadas comerciais de dois diferentes bairros da cidade.

Como aponta Shohamy (2006), o espaço público é uma temática relativamente nova no que se refere à linguística, uma vez que na maioria das vezes as pesquisas enfatizam preferencialmente os falantes, não como se expressam, nem seus ambientes. Esse será o enfoque do presente estudo, com ênfase nas relações entre textos multimodais, seus significados e como eles refletem a estrutura do espaço em que ocorrem. Pretendemos atentar para mensagens existentes no espaço público e como elas exibem conexões com a estrutura social, o poder e as hierarquias, isto é, perceber como os “espaços” (fachadas) refletem determinada classe social.

Apesar de a cidade não ser tida como um ambiente multilíngue, as fachadas comerciais demonstram, de diferentes formas, uma comunicação permeada de aspectos da heterogeneidade linguística e sociocultural. Nesse contexto, pretendemos ainda investigar a diversidade linguística nos dois bairros, uma vez que os espaços estão longe de ser ambientes puramente monolíngues, como sustentam os estudos ecolinguísticos.

Tendo em vista, desse modo, a compreensão de fenômenos discursivo-semióticos na contemporaneidade globalizada, este estudo embasa-se nas pesquisas:

- Sobre Sociolinguística e globalização (BLOMMAERT, 2010; JACQUEMET, 2005, 2016);
- Sobre Paisagens Linguísticas, com especial ênfase ao espaço urbano (BLOMMAERT, 2013; GORTER, 2006);
- Sobre a Ecolinguística, como disciplina integradora, transdisciplinar, que põe essas duas visões a dialogar entre si com a finalidade de entender a diversidade linguística manifestada nas fachadas de Goiânia e, além disso, compreender as relações entre natural, mental e social nessas paisagens (COUTO, 2007; COUTO, 2015; FILL, 2015).

Apoiadas na sociolinguística da mobilidade (BLOMMAERT, 2010), esperamos entender de que modo a globalização tem interferido nas paisagens linguísticas do centro e da periferia desse espaço urbano. Considerando a importância do estudo das produções escritas e semióticas nos espaços públicos como indiciadoras das práticas linguísticas, esse trabalho pretende contribuir com pesquisas que atentam para a relação entre sociedade/cultura e mundo físico, além de refletir sobre como isso se manifesta no plano linguístico-estrutural.

Optamos pela realização de um estudo de abordagem qualitativa e de cunho etnográfico, convergindo com a proposta de Blommaert (2013), na qual são registradas fotograficamente as paisagens linguísticas de um espaço urbano. O *corpus* constitui-se, portanto, de fotografias de fachadas comerciais de duas diferentes regiões da cidade de Goiânia (Praça do Jacaré e Parque Vaca Brava).

Este artigo está organizado em três seções. Na primeira seção, apresentamos a metodologia. Na segunda, apresentamos uma discussão das teorias e dos dados. Por fim, na terceira seção, temos a conclusão, em que sintetizamos os resultados da pesquisa e retomamos as principais questões debatidas no artigo. Por fim, temos as referências.

2 METODOLOGIA

O estudo aqui proposto é uma investigação qualitativa, sem o intuito de quantificar resultados; volta-se de forma exploratória para a descrição, a análise e a interpretação de paisagens linguísticas da cidade de Goiânia. Trata-se também de uma pesquisa de cunho etnográfico, na medida em que se caracteriza, primeiramente, pelo envolvimento do pesquisador no ambiente natural da pesquisa, exigindo uma observação e uma interpretação holística dos dados coletados. Nesse contexto, tendo a etnografia como metodologia de apoio e direcionamento, fizemos uso da observação participante como instrumento de produção de dados, tal como defendem Angrosino e Flick (2009). Por trás de tudo, como pano de fundo, está a multimetodologia da Ecolinguística (COUTO, 2017).

Para constituir o *corpus* da pesquisa realizamos, inicialmente, um trabalho de coleta de dados em duas diferentes regiões da cidade de Goiânia (Praça do Jacaré e Parque Vaca Brava). A escolha dos locais da pesquisa se deve ao fato de que, por se tratar de diferentes espaços da cidade metropolitana de Goiânia, poderiam dar uma visão abrangente da relação entre espaço e indexicalização.

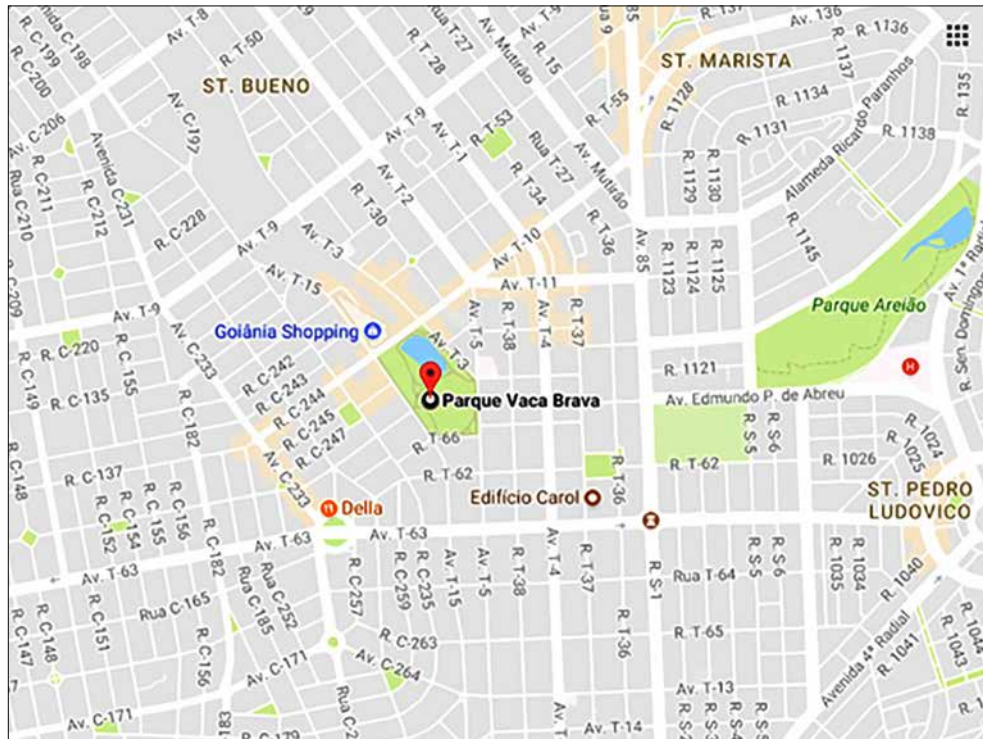
Para a coleta de dados, utilizamos fotografias e notas de campo. No total, foram tiradas cerca de 20 fotografias que registraram as duas diferentes paisagens linguísticas da cidade. Após essa coleta, categorizamos as fachadas de acordo com os bairros em que estão localizadas, para posteriores comparações dos estabelecimentos do Setor Criméia Oeste e do Setor Bueno. Para examinar e discutir os dados, fez-se necessário também reunir e averiguar textos que eventualmente demonstrassem análises de paisagens linguísticas, como teses, dissertações e artigos já existentes que pudessem nos ajudar a compreender nossos dados.

2.1 O LOCAL DA PESQUISA

Como já apontado anteriormente, os locais da coleta dos dados são o Parque Vaca Brava e a Praça do Jacaré, duas diferentes regiões da cidade de Goiânia, capital do Estado de Goiás. A região metropolitana de Goiânia tem mais de 2,2 milhões de habitantes, o que a torna a décima região metropolitana mais populosa do país.

O Parque Vaca Brava localiza-se no setor Bueno, entre as Avenidas T-10, T-13, T-5, T-66 e T-15. O Parque contém um extenso lago e um pequeno bosque com espécies nativas da fauna e da flora. Ao seu redor estão localizados diversos estabelecimentos comerciais, além do Goiânia Shopping. Tendo em vista os valores de imóveis, os valores de aluguéis e sua localização, esse setor é considerado um dos mais nobres da cidade. Cabe ressaltar ainda que é no Setor Bueno que se localiza a maior parte das escolas particulares de Goiânia.

Figura 1 – Mapa da localização do Parque Vaca Brava



Fonte: Google Maps com busca por “Parque Vaca Brava”.

Em contraposição ao parque, a Praça do Jacaré, com menor extensão, localiza-se no Setor Criméia Oeste, entre as ruas Dr. João Alves de Castro, Des. Airosa Alves de Castro, Cel. Diógenes de Castro Ribeiro e Min. Guimarães Natal. A Praça é bastante conhecida pela representação de um grande jacaré que fica situado em seu centro. Provavelmente devido a sua localização periférica, não é considerada uma área de prestígio. Além disso, não há na região estabelecimentos comerciais valorizados pelas classes sociais mais altas, como *shoppings*, lojas de luxo e colégios de renome.

Figura 2 – Mapa da localização da Praça do Jacaré



Fonte: Google Maps com busca por “Praça do Jacaré”.

3 PAISAGENS LINGUÍSTICAS: A COMPLEXIDADE DO ESPAÇO URBANO

Sabemos que a linguagem está presente em nosso dia a dia de variadas formas, sejam em vitrines, placas, fachadas comerciais, ou até mesmo em sinais de trânsito. Como muito bem aponta Massimo Cavenacci, “[...] a cidade é o lugar do olhar. Por esse motivo a comunicação visual se torna seu traço característico” (CAVENACCI, 2004, p. 43). Vemos que, apesar de passar despercebido por muitas pessoas, atualmente, o espaço (seja ele urbano ou não) tem despertado o interesse de muitos estudiosos.

Nesse sentido, o estudo da cidade, seja pelo viés linguístico ou não, é um desenvolvimento relativamente novo, mas que tem sido alvo de interesse de diferentes áreas como a Antropologia e Sociolinguística. A Ecolinguística, por incluir a dimensão física/natural, é também um bom arcabouço teórico para englobar essa dimensão no social e no mental (COUTO, 2017). Além disso, o olhar ecolinguístico se faz também fundamental para entender a comunicação urbana, uma vez que a comunicação viaja nas duas direções, ou seja, a cidade se comunica com os sujeitos e os sujeitos com a cidade.

O conceito de paisagem linguística, área de estudo que se dedica também a relação entre território e língua, vem sendo usado de diferentes maneiras. Tem sido frequentemente utilizado em relação a uma visão geral das línguas que são faladas ou em situações de descrição de línguas de determinado país, referindo-se ao contexto social no qual mais de uma língua está presente. Às vezes, ele se relaciona ao sistema de apenas um idioma, em outras situações pode envolver mais de uma língua e até mais de um dialeto (LABOV *et al.*, 1997, apud GORTER, 2006).

Entendemos paisagem linguística como a propõem Gorter (2006) e Blommaert (2013). Para os autores, a paisagem linguística é entendida em relação a determinado território/região urbana. Nesse contexto, como discute Blommaert (2013), o lócus em que essas paisagens são estudadas compreende, principalmente, o espaço urbano na Modernidade Tardia, onde o ambiente é densamente multilíngue, documentando a presença de grupos e línguas diversos. Referindo-se à linguagem visível em determinada área, os autores preocupam-se com as produções escritas inscritas na esfera pública “sinais de *outdoors*, de rodovias e de segurança, sinais de lojas, grafite e todos os tipos de outras inscrições no espaço público, tanto profissionalmente produzidas como as rudimentares” (BLOMMAERT, 2013, p. 5).¹

Couto e Busnardo Filho (2017) analisam essa paisagem da perspectiva ecolinguística, mais especificamente das interações que aí se dão e como elas se dão. Vale dizer, como ocorre a comunicação com e na cidade. Logo no resumo do artigo, vê-se que:

O objetivo deste ensaio é mostrar que o meio ambiente natural da língua se desdobra em meio ambiente natural propriamente dito e meio ambiente construído. Neste último entra a cidade, um dos construtos mais conspícuos da faina humana. A cidade será encarada como linguagem que, na linguística ecossistêmica é vista como interação. Partindo do pressuposto de que tudo nesse meio ambiente construído tem valor semiótico, ou seja, significa algo para os moradores, as atividades deles são vistas como um pôr em prática essa linguagem. Viver na cidade, andar por ela, usufruí-la é uma espécie de ato de interação comunicativa.

Vemos que o espaço em si é o objeto central de preocupação nos citados estudos, como também o é nesse artigo. Como disse Blommaert (2013, p. 7):

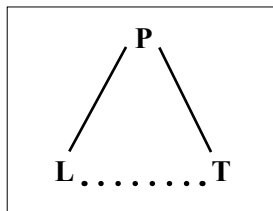
O espaço físico é também o espaço social, cultural e político: um espaço que oferece, permite, desencadeia, convida, prescreve, proscreeve, proíbe políticas ou impõe certos padrões de comportamento social; um espaço que nunca é terreno de ninguém, mas sempre o espaço de *alguém*; um espaço *histórico*, portanto, cheio de códigos, expectativas, normas e tradições; e um espaço de *poder* controlado por, bem como controlando pessoas.²

Nesse contexto, conforme podemos perceber, os estudos sociolinguísticos entendem o espaço físico enquanto espaço social que reflete relações de ideologia e poder. Entretanto, essa pesquisa compreende o espaço para além do social consoante a teoria Ecolinguística, que defende o espaço físico (natural) vinculado ao meio ambiente mental e social. Tendo como base o ecossistema integral da língua, essa perspectiva ecolinguística entende que o ecossistema linguístico é formado por P (população), residindo em determinado T (território) e falando sua própria L (língua):

¹ Todas as traduções são de nossa autoria e foram feitas para fins exclusivos desta pesquisa. No original: [...] billboards, road and safety signs, shop signs, graffiti and all sorts of other inscriptions in the public space, both professionally produced and grassroots.

² No original: Physical space is also social, cultural and political space: a space that offers, enables, trigger, invites, prescribes, proscribes, polices or enforces certain patterns of social behavior; a space that is never no man's land but always *somebody's* space; a *historical* space, therefore, full of codes, expectations, norms and traditions; and a space of *power* controlled by as well as controlling people.

Figura 3 – Ecossistema linguístico



Fonte: Couto (2007).

Como podemos ver, um dos componentes mais importantes da ecolinguística é o espaço/meio ambiente em que ocorrem as interações entre os falantes. Sem território (T) não há população (P) e sem população não há língua (L), portanto, não há também interação. Nesse contexto, a compreensão do espaço é fundamental para o entendimento das construções semióticas/linguísticas bem como para a manutenção do próprio povo. Desse modo, partindo de uma visão holística da paisagem urbana, pensamos especificamente o meio ambiente semiótico “fachada” como reflexo das relações entre os ecossistemas mentais e sociais de determinada comunidade.

Percebemos, portanto, que além do diagnóstico de padrões de idiomas e/ou de escrita, a análise desse meio ambiente urbano configura também a análise das estruturas mentais, sociais, culturais e políticas. Tendo em vista a complexidade e dinamicidade das paisagens linguísticas, vemos a necessidade de uma descrição profunda e analítica do espaço como semiotizado e móvel, o que desde já sinaliza a relação entre o meio ambiente social, mental e natural defendida pela Ecolinguística.

Nesse contexto, e dialogando com a concepção de indexicalização de Blommaert (2010), entendemos aqui que os espaços *indexicalizam* determinada classe social. Isso porque consideramos que, consoante o que expõe o autor, os espaços além de horizontais, são também verticais, ou seja, o espaço aqui é compreendido como espaço em camadas e estratificado. Desse modo, tendo em vista o caráter indexical do espaço, depreendemos que são salientes nas paisagens linguísticas aspectos sociais, culturais, políticos e naturais, além de mentais.

Já vimos que o espaço urbano globalizado é complexo em sua dinamicidade, semiotização e, ousamos dizer, indexicalidade. Nesse sentido, percebemos que, consoante com o que aponta Blommaert (2013), a semiotização do espaço transforma-o em um lócus social, cultural e político. Nesse sentido, os textos inscritos no espaço público nunca são neutros, pois demonstram as subjetividades dos sujeitos e as conexões com a estrutura social, hierarquias e poder.

Sabemos ainda que a heterogeneidade na prática da linguagem é resultado dessa globalização e mobilidade. Nessa perspectiva, percebemos que a presença de uma ou mais línguas ilustra, na maioria das vezes, o espaço urbano. A diversidade linguística é uma questão apontada por diversos estudiosos (COUTO, 2007, 2011; GARCÍA; WEI, 2014), em que cada qual com sua nomenclatura procura discutir a complexidade da coexistência de muitas línguas, convergindo contra o monolingüismo.

Couto (2011) em suas discussões ressalta que as políticas linguísticas centralizadoras, ou seja, que defendem a proposta monoglössica de língua, têm por objetivo manter uma unidade culturo-linguística, intencionando uma artificial unidade política do estado. Segundo o autor “esquecem os inimigos do multilingüismo que ele representa diversidade e, como vimos na ecologia, diversidade é riqueza e garantia de sobrevivência”.

Cabe ressaltar que, apesar da visão de García e Wei (2014) apontar também para uma crítica ao monolinguismo e, desse modo, para a defesa da translinguagem como um espaço sem fronteiras – linguísticas, nacionalistas, culturais (GARCÍA; WEI, 2014, p. 43) –, os autores acabam por dar preferência às línguas hegemônicas, diferentemente do que faz Lucena e Nascimento (2016), ao problematizar os efeitos do processo de globalização no discurso indígena, e Batista (2016), ao tratar de paisagens linguísticas em uma comunidade quilombola. Trata-se, em todos esses casos, de comunidades de fala complexas, como as define a Ecolinguística.

Percebemos ainda a preferência que a maioria dos autores, Blommaert (2013) e Gorter (2006), dentre outros, tem dado ao estudo de paisagens linguísticas urbanas em detrimento de paisagens marginais/rurais. Apesar de esse trabalho centrar-se nessa mesma perspectiva e, portanto, não romper com os pensamentos linguísticos modernos, salientamos sua significância uma vez que estando em contexto sul-americano se encontra entre os poucos estudos brasileiros que abordam tal temática. Nesse contexto, pretendemos refletir sobre as paisagens linguísticas em Goiânia, Goiás.

3.1 PRODUÇÕES ESCRITAS E SEMIÓTICAS NAS FACHADAS COMERCIAIS

Ao se trabalhar com paisagens linguísticas, podemos nos deparar com uma diversidade social cultural e econômica, que Vertovec (2007) chama de superdiversidade, para designar a diversidade dentro da diversidade. Percebemos que a diversidade linguística mostrou-se presente nas duas regiões de Goiânia investigadas, ou seja, Parque Vaca Brava e Praça do Jacaré. Nas fotografias que seguem, percebemos essa diversidade, no que diz respeito ao uso de diferentes línguas nas fachadas comerciais dos dois bairros:

Figura 4 – Diversidade linguística (Parque Vaca Brava)



Fonte: acervo da pesquisadora, 2017.

Figura 5 – Diversidade linguística (Parque Vaca Brava)



Fonte: acervo da pesquisadora, 2017.

Figura 6 – Diversidade linguística (Praça do Jacaré)



Fonte: acervo da pesquisadora, 2017.

Conforme podemos perceber, a diversidade linguística é recorrente tanto no Parque Vaca Brava (Figuras 4 e 5) quanto na Praça do Jacaré (Figura 6). No entanto, apesar de diferentes usos linguísticos poderem ter sido observados nos dois bairros, o Parque Vaca Brava possui uma diversidade linguística mais ampla, uma vez que abarca um maior número de línguas que a praça investigada. Observamos nas Figuras 4 e 5 a presença do latim (*vitae*), italiano (*nitro gelato*), inglês (*dream toy*) e francês (*boulangerie de France*), respectivamente, enquanto na Figura 6 percebemos a presença apenas da língua inglesa.

Isso confirma mais uma vez a importância de se utilizar a Ecolinguística na análise desse tipo de fenômeno. Com efeito, para ela, como disciplina ecológica que é, a diversidade é um dos conceitos centrais. Na natureza ela representa riqueza, vitalidade, pujança. Do mesmo modo, na paisagem sociocultural ela indica riqueza de manifestações que vão na direção contrária da monotonia da unanimidade, que Nelson Rodrigues considerou burra (COUTO, 2015; FILL, 2015).

Essa maior variedade de línguas na região do Parque Vaca Brava pode estar provavelmente relacionada à noção de *status* que diferentes línguas podem dar aos estabelecimentos. O uso de inglês ou francês, por exemplo, poderia, segundo a concepção dos donos dos estabelecimentos, dar um caráter de sofisticação ao ambiente. Apesar de não ter sido possível a interação com os donos, essa poderia ser uma das prováveis hipóteses dessas escolhas linguísticas, uma vez que o índice de migração desses países para a região metropolitana de Goiânia não é comum.

Cabe ressaltar que, no que diz respeito a esse espaço multilíngue, há nas fachadas comerciais, por vezes, a alternância do uso de português e das demais línguas. Usos como “salão *center*” e “*vitae* especialista em dor e acupuntura” puderam ser observados. Isso ocorre provavelmente para proporcionar o entendimento, facilitando a compreensão de possíveis clientes que desconheciam as línguas utilizadas, e desse modo, não saberiam qual o serviço a ser oferecido. Se no lugar de “salão *center*” a fachada tivesse o nome de “*parlor center*”, por exemplo, os clientes que desconhecem a língua inglesa poderiam não saber que o estabelecimento era um salão de beleza (isso claro, caso as portas estivessem fechadas ou outro signo não desse indícios do que o estabelecimento era).

É importante ressaltar que há nos dois bairros uma predominância de línguas hegemônicas, o que desde já sinaliza a subalternização de línguas e conhecimentos minoritários, discutidos por Mignolo (2003) e Couto (2007), demonstrando principalmente que o pensamento colonial ainda está impregnado no modo de ver o mundo da contemporaneidade.

Outro aspecto observado nas paisagens linguísticas investigadas foi a relação entre personalidade e impessoalidade:

Figura 7 – Fachadas com nomes/sobrenomes de pessoas (Praça do Jacaré)



Fonte: acervo da pesquisadora, 2017.

Figura 8 – Fachadas com nome da praça e do setor (Praça do Jacaré)



Fonte: acervo da pesquisadora, 2017.

Conforme ilustrado acima, vemos que algumas fachadas comerciais localizadas na Praça do Jacaré são formadas por nomes próprios (ora sobrenomes/nomes de pessoas, ora nome do próprio lugar). Percebemos na Figura 7 que as fachadas dos estabelecimentos são constituídas por nomes/sobrenomes de pessoas, que poderiam ser de um filho, esposo ou do próprio dono do estabelecimento. Na Figura 8 em “Ferragista Jacaré” e “Supermercado Jacaré” percebemos referência ao nome da Praça, enquanto em “Supermercado Criméia” faz-se referência ao bairro em que o estabelecimento está localizado (Setor Criméia Oeste). Apesar dessas observações na Praça do Jacaré, nenhum estabelecimento comercial do Parque Vaca Brava (Setor Bueno) continha nomes próprios em suas fachadas.

As fachadas comerciais localizadas no Setor Bueno, tido como bairro nobre de Goiânia, são mais impessoais, enquanto as fachadas localizadas no bairro periférico (Setor Criméia Oeste) são mais pessoais, locais. Vemos, portanto, que apesar de haver a influência da globalização de diferentes formas nos dois bairros, as fachadas da Praça do Jacaré estão em uma escala mais local, enquanto do Parque Vaca Brava em uma escala mais translocal, uma vez que, além da impessoalidade (relacionada ao cosmopolita), há uma maior influência de línguas “globais” que no outro bairro.

Isso mostra a referência maior para os habitantes das duas localidades. Nos bairros mais populares, parece que as pessoas estão mais voltadas para o próprio contexto, valorizando-o. Nos bairros de classe média e de elite, as referências são grandes centros internacionais, com respectivas línguas e culturas, no caso, majoritariamente o mundo anglo-saxão, melhor ainda, os Estados Unidos.

Além dessa relação personalidade/impessoalidade que acaba por indexicalizar os dois barros, situando-os como mais ou menos prestigiados, percebemos ainda como os aspectos semióticos indexicalizam ainda esses espaços de diferentes formas, conforme ilustram as imagens a seguir:

Figura 9 – Comparando designs: Praça do Jacaré (primeira fachada) e Parque Vaca Brava (segunda fachada)



Fonte: acervo da pesquisadora, 2017.

Notamos que os aspectos semióticos presentes nas fachadas também apontam para determinadas classes sociais. As fachadas de estabelecimentos comerciais localizados na periferia possuem, geralmente, cores mais chamativas como vermelho, verde, amarelo e laranja. Já em estabelecimentos localizados em bairros considerados elitizados costumam-se utilizar cores mais sóbrias e neutras, como tons pastéis, preto e branco. Além disso, como podemos observar na Figura 9, os materiais/texturas das fachadas também indexicalizam os espaços. Como vemos, a fachada do Supermercado Criméia indica que ele é patrocinado pela marca de refrigerantes Coca-Cola, uma vez que há uma padronização nesses tipos de fachadas. A presença da cor vermelha e das figuras dos refrigerantes indicam esse patrocínio. Já a fachada do supermercado Pão de Açúcar, localizado no Setor Bueno, além de ser em cores mais sóbrias (preto e dourado) é confeccionada em sua grande parte com vidro.

Apesar dessas considerações acerca da relação entre espaço e relações de poder, devemos ressaltar que tem havido uma interação entre processos globais e locais e, desse modo, há uma reconstituição de posicionamentos sociais locais dentro de fluxos culturais globais, tal qual discute Jacquemet (2005). Percebemos isso, por exemplo, no que se refere à presença de aspectos globais tanto nas fachadas do Setor Bueno como em fachadas do Setor Criméia Oeste.

Apesar da relação entre meio ambiente natural, social e mental discutida nesse artigo, cabe salientar que com a mobilidade cada vez maior das pessoas nas cidades, desencadeada pela globalização, não devemos pensar em estabelecimentos ou classes sociais rigidamente fixas em determinado local. Seria inoportuno afirmar que esse ou aquele bairro é formado por sujeitos da classe social A ou B. No entanto, é importante pensar como as construções linguísticas se fazem direcionadas a esses sujeitos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Alinhados aos apontamentos de Blommaert (2013) acerca da não neutralidade e dinamicidade do espaço, percebemos que os aspectos textuais e semióticos das fachadas comerciais analisadas sinalizam determinada classe social, ou seja, demonstram as relações entre meio ambiente mental, social e natural defendida pela Ecolinguística.

Além disso, no que se refere à dinamicidade, observamos que tal como discute Jacquemet (2016), na globalização cultural temos textos e pessoas móveis. Pensando nessa perspectiva evitamos uma categorização fixadora na relação centro-periferia, uma vez que ambos os espaços (Praça do Jacaré e Parque Vaca Brava) forneceram evidências dos efeitos da globalização e do contato entre pessoas diferentes e da presença de línguas diferentes.

Apesar dessa influência da globalização nos dois bairros, vemos que ela se deu de diferentes formas nas duas regiões. Notamos, a partir das análises, que as fachadas comerciais da Praça do Jacaré estão em uma escala mais local, enquanto do Parque Vaca Brava em um nível mais translocal, uma vez que, além da (im)personalidade (observada a partir dos nomes próprios nas fachadas), houve também um menor número de línguas nas fachadas dos estabelecimentos da Praça do Jacaré.

A análise das fotografias nos permitiu reconhecer ainda a diversidade linguístico-cultural presente nas paisagens linguísticas investigadas. Vemos, portanto, o caráter multi/translíngue da cidade de Goiânia, e principalmente, a apropriação especialmente de línguas hegemônicas nos textos das fachadas comerciais, sinalizando desde já, o pensamento colonial ainda presente na sociedade contemporânea.

Nesse contexto, destacamos que não temos a ingenuidade de pensar que essa pesquisa rompe drasticamente com a abordagem eurocêntricas e centralizadoras como chama Couto (2011). Reconhecemos que dentro dos limites desse trabalho, ele acaba por reproduzir alguns dos padrões eurocêntricos de pesquisa, dando ênfase ao espaço urbano em detrimento dos espaços e paisagens marginais. Entretanto, avança-se no sentido de que passamos a pensar a diversidade linguístico-cultural em contextos urbanos centrais e periféricos da cidade de Goiânia. Cremos ter demonstrado que a Ecolinguística é um bom espaço para se pensar essas questões.

REFERÊNCIAS

- ANGROSINO, M.; FLICK, U. (coord.). *Etnografia e observação participante*. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- BATISTA, T. E. P. *A globalização no centro e nas margens: “urbano” e “rural” em paisagens linguísticas na modernidade tardia*. 2016. Monografia (Graduação em Letras) – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016.

- BLOMMAERT, J. *Ethnography, superdiversity and linguistic landscapes: chronicles of complexity*. Bristol: Multilingual Matters, 2013.
- BLOMMAERT, J. *The sociolinguistics of globalization*. New York: Cambridge University Press, 2010. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1017/CBO9780511845307>. Acesso em: 7 jul. 2017.
- CANEVACCI, M. *A cidade polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana*. 2. ed. São Paulo: Studio Nobel, 2004.
- COUTO, E. K. N. N. do; BUSNARDO FILHO, A. O trajeto e a rua: a linguagem da cidade e a socialidade urbana. *Ecolinguística: Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem (ECO-REBEL)*, Brasília, v. 3, n. 2, p. 37-48, 2017. Disponível em: <file:///C:/Users/UFC/AppData/Local/Temp/9678-Texto%20do%20artigo-17325-1-10-20180704.pdf>. Acesso em: 29 set. 2017.
- COUTO, H. H. do. *A metodologia na Linguística Ecolinguística*. 2017. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/ojs311/index.php/erbel/article/view/12355/10835>. Acesso em: 27 set. 2017.
- COUTO, H. H. do. *Ecolinguística: estudo das relações entre língua e meio ambiente*. Brasília: Thesaurus, 2007.
- COUTO, H. H. do. Linguística ecossistêmica. *Ecolinguística: Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem (ECO-REBEL)*, Brasília, v. 1, n. 1, p. 47-81, 2015. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/15135/10836>. Acesso em: 27 set. 2017.
- COUTO, H. H. do. *Sobre o conceito de diversidade*. 2011. Disponível em: <http://meioambiente-linguagem.blogspot.com/2011/>. Acesso em: 1 out. 2017.
- FILL, A. Ecolinguística: a história de uma ideia verde para o estudo da linguagem. *Ecolinguística: Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem (ECO-REBEL)*, v. 1, n. 1, p. 7-21, 2015. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/9921>. Acesso em: 10 out. 2017.
- GARCÍA, O.; WEI, L. *Translanguaging: language, bilingualism and education*. London: Palgrave, 2014.
- GOOGLE MAPS. *Praça do Jacaré*. Disponível em: <https://www.google.com.br/maps/place/Parque+Vaca+Brava/@-16.7101573,-49.2730787,17z/data=!3m1!4b1!4m5!3m4!1s0x935ef1244f2763b1:0xbd5264bcc4a1d28b!8m2!3d-16.7101573!4d-49.27089>. Acesso em: 28 jul. 2017.
- GOOGLE MAPS. *“Parque Vaca Brava”*. Disponível em: <https://www.google.com.br/maps/place/Parque+Vaca+Brava/@-16.7101573,-49.2730787,17z/data=!3m1!4b1!4m5!3m4!1s0x935ef1244f2763b1:0xbd5264bcc4a1d28b!8m2!3d-16.7101573!4d-49.27089>. Acesso em: 28 jul. 2017.
- GORTER, D. *Linguistic landscape: a new approach to multilingualism*. Toronto: Multilingual Matters, 2006.
- GORTER, D.; SHOHAMY, E. *Linguistic landscape: expanding the scenery*. Routledge: Oxon, 2009.
- JACQUEMET, M. Language in the age of globalization. In: BONVILLAIN, N. (ed.). *The Routledge Handbook of Linguistic Anthropology*. New York: Routledge, 2016. p. 329-347.
- JACQUEMET, M. Transidiomatic practices: language and power in the age of globalization. *Language & Communication*, San Francisco, 2005. p. 257-277.
- LUCENA, M. I. P.; NASCIMENTO, A. M. Práticas (trans)comunicativas contemporâneas: uma discussão sobre dois conceitos fundamentais. *Revista da Anpoll*, n. 40, p. 46-57, jan./jul. 2016.
- MIGNOLO, W. D. *Histórias locais / Projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Trad. Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

SHOHAMY, E. *Language Policy*: hidden agendas and new approaches. Routledge: Oxon, 2006.
Disponível em: <https://doi.org/10.4324/9780203387962>. Acesso em: 7 jul. 2017.

VERTOVEC, S. Super-diversity and its implications. *Ethnic and Racial Studies*, v. 30, n. 6, p. 1024 -1054, nov. 2007.